

AS TAPEÇARIAS NARRATIVAS DE *RELATO DE UM CERTO ORIENTE E DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

FERREIRA, Rafael Dias¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Mestrando em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada (UFPel); integrante do Grupo de Pesquisa Literatura Comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade; bolsista CAPES-PPGL-UFPel; rafael.dias.ferreira@hotmail.com

²Doutor em Letras; professor de Literatura, Centro de Letras e Comunicação CLC-PPGL-UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo origina-se de resultados parciais de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras, Área de Concentração em Literatura Comparada, por meio da investigação “As tapeçarias narrativas de *Relato de um certo oriente e Dois irmãos*, de Milton Hatoum”, vinculada ao projeto institucionalizado CNPq-UFPel “Literatura brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”, sob orientação de João Manuel dos Santos Cunha. O *corpus* literário definido compreende os romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), do escritor amazonense Milton Hatoum.

O intuito do projeto é o de averiguar a articulação transtextual e intertextual (GENETTE, 1982; SAMOYAL, 2008) de questões tanto formais como de conteúdo sugeridas por esses livros, uma vez que o estudo dos romances centrou-se, até o momento, em aspectos ligados, sobretudo, à identidade cultural, a imbricações entre formas narrativas e a tópicos do universo dos dramas familiares à época da ditadura militar no Brasil (1964-1985), assim como ao levantamento de discussões sobre valores estéticos que lhes foram atribuídos pela crítica especializada. Como atividade específica, a investigação em andamento ocupa-se da repercussão, também em diálogo intertextual, concernente a certa tendência da literatura brasileira contemporânea, observada em casos exemplares como os de Raduan Nassar e de Osman Lins, de aproveitamento de obras da tradição literária islâmica e judaico-cristã, mediante a seleção de abordagens que privilegiem a exegese da presença, em diferentes modalizações, de tais hipotextos em Hatoum.

Da mesma forma, a valorização teórico-crítica definida para a análise dessas narrativas tenta entender, ao mesmo tempo, a singularidade da linguagem necessária para esse fim, desvelando o projeto autoral de iluminação de textos literários através de aportes temáticos e estilísticos enriquecedores, em ambas as vias, deixando o problema das influências à mercê de jogos dialógicos cuja finalidade é a vivificação referencial de índices estéticos. Para que isso aconteça, considera-se que os assuntos e personagens trabalhados nesses livros manifestam-se por meio de alta recorrência a tópicos que vão desde aqueles promulgados pela sabedoria alcorânica e bíblica,¹ passando pelas referências à poesia pré-islâmica e às histórias de *As mil e uma noites* (2006; 2007), até a filiação argumentativa a escritores nacionais e estrangeiros tão diversos quanto

¹ Cf. as seguintes edições: **Alcorão (O)**. Trad. Mansur Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 2002; **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2003.

Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, assim como Joseph Conrad, Jorge Luis Borges e John Maxwell Coetzee.

2. METODOLOGIA

A abordagem utilizada na pesquisa conforma-se nas perspectivas comparatistas propiciadas pelas teorizações de Gérard Genette (1982) e Tiphaine Samoyault (2008) e visa estipular as relações transtextuais e intertextuais presentes nos dois romances. O reconhecimento desses vínculos criativos perpassa não só a mera identificação das chamadas “influências”, mas, também, o trabalho singular do criador em seu relacionamento com os hipotextos identificados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre o andamento da leitura crítica de *Relato de um certo Oriente*, podem ser pontuadas, neste momento, as considerações que se seguem. Ainda que não integrante do texto literário propriamente considerado, mas lida em sua forma de figuração paratextual, como leitura crítica intersemiótica, a peça de tapeçaria oriental cuja foto ilustra a capa da primeira edição do livro (1989) dá mostras de quão intrincada se apresenta a articulação formal e conteudística do romance. Com efeito, o enredo constrói-se a partir da contiguidade de cinco perspectivas distintas, organizadas pela adoção de um sistema de revezamento com vistas a dar conta da complexidade da matéria diegética. Assim, o que se observa é uma distribuição esquemática dos capítulos, assumidos pelas vozes de uma narradora da qual não se conhece o nome (mas sabe-se que teria sido adotada, assim como seu irmão biológico, por Emilie, a matriarca da casa onde passou a infância), de Hakim, filho de Emilie, do fotógrafo alemão Gustav Dorner e de Hindié Conceição, ambos amigos da família.

Ao final da obra, essa narradora inominada esclarece os procedimentos que adotara para formar o relato, suas dificuldades em organizar o material do qual se utiliza para tanto, dada a multiplicidade de fontes que nele concorrem e as transcrições de fitas carregadas por sotaques linguísticos e sócio-culturais diversos. Tal medida, proposta por Hatoum, permite abrir espaço para cenários que traduzem os dilemas ao redor de famílias amazonenses, naquilo que Davi Arrigucci Jr. chamou de “reino de figuras fugazes mas fortes” (2000: 331). De fato, essa potência está também presente nesse *tour de force* orquestral vindo da composição das vozes narrativas, como nesta passagem, em que se percebe a intenção organizacional da obra:

[...] Gravei várias fitas, enchi de anotações uma dezena de cadernos, mas fui incapaz de ordenar coisa com coisa. Confesso que as tentativas foram inúmeras e todas exaustivas, mas ao final de cada passagem, de cada depoimento, tudo se embaralhava em desconexas constelações de episódios, rumores de todos os cantos, fatos medíocres, datas e dados em abundância. Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a seqüência de ideias. (HATOUM, 2005: 165).

Contudo, nesse processo, surgem dúvidas quanto à validade das intenções, à qualificação da linguagem empregada e à fragilidade da memória em sua evocação das experiências, cujo intuito de preservação de um passado árduo torna-se difícil de ser mesurado com exatidão.

Pelo espelhamento dessa tentativa de compreensão do lugar ocupado pela identidade, da mesma forma, em *Dois irmãos*, o segundo romance de Hatoum, o narrador Naël, tomado por inquietações existenciais, passa ao centro da trama, no início do quarto capítulo, compartilhando com o leitor o dilema sobre sua paternidade e a posição que ocupa no mundo:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai (HATOUM, 2000: 54).

O narrador declara, desse modo, a ânsia pela descoberta de um passado misterioso, a aleatoriedade que marcou sua vida e a dor do abandono: seu sentimento de ter sido “esquecido” dentro de um barco, como Moisés sendo acolhido por uma das margens do Nilo. Também de inspiração bíblica, são os conflitos entre os irmãos que dão título à obra, Omar e Yaqub, com suas personalidades, ao mesmo tempo representantes arquetípicas e detalhadas, a ponto de deixar à vista as filigranas que compõem esse rico tecido oriental. De fato, como já apontou Gloria Carneiro do Amaral, todo o conflito gira ao redor da busca pela verdade sobre as circunstâncias do nascimento de Naël. Para rastrear sua origem, o personagem dirige suas suspeitas aos gêmeos, que, apesar de idênticos no aspecto físico, possuem perfis psicológicos muito distintos:

Os dois irmãos são idênticos fisicamente, e atavicamente opostos em temperamento e caráter; situação propícia a conflitos, concorrências e disputa do afeto materno que parece existir apenas para o Caçula. “Uma réplica quase perfeita do outro sem ser o outro”, observa Rânia ao rever Yaqub, que chegava do Líbano tão mudado (AMARAL, 2009: 22).

O único índice que possibilita a diferenciação dos dois está na cicatriz feita pelo irascível Omar sobre o rosto do manso Yaqub, após violenta explosão de ciúmes desencadeada em sua infância. Nesse sentido, afirma Amaral: “Os caminhos escolhidos, é claro, acentuam as dicotomias de caráter. Quanto mais vagabundo e indisciplinado se torna Omar, mais o politécnico Yaqub avança em sua carreira profissional e posição social” (2009: 22).

A descoberta da paternidade, portanto, é o motivo que anima o texto; contudo, nesse sentido, o diálogo intertextual é notável. Desse modo, não apenas as narrativas bíblicas sobre Esaú e Jacó, ou Isaque e Ismael, por exemplo, são trazidas à memória do leitor, como também a semelhança física dos personagens machadianos Escobar e Ezequiel, alcançada pela perspectiva de Bentinho, em *Dom Casmurro*. Sob outro viés, as correlações literárias com a queda da casa de Halim, a figura tutelar paterna, mediadora dos conflitos entre os filhos, fazem parte do processo de rememoração que tem por objetivo reconstruir o passado para compreender o presente, a partir da constatação do embotamento das

relações familiares e da conseqüente decadência tanto da família como do grupo social em que ela se insere, considerado o contexto histórico dos fatos narrados.

4. CONCLUSÕES

Ainda que provisórias, podem ser aqui enunciadas algumas conclusões: as duas obras compartilham recursos característicos da literatura árabe, ou de inspiração árabe, a qual possui um tipo especial de polifonia, tomando-se a devida liberdade na apropriação de um conceito voltado para a literariedade dostoiévskiana, que consiste na continuação dos ciclos dos relatos por meio da atribuição de tal tarefa a personagens diferentes. Ou, ainda, como em *As mil e uma noites*, a manifestação de uma única narradora, Sherazade, responsável pelas histórias expressas nas incontáveis propriedades numerológicas do simbólico título, o qual se refere à infinidade narrativa que, em termos teóricos, pode ser vinculada à intertextualidade constituinte de todos os textos, sem princípio nem fim. De fato, ambas as formas podem ser identificadas na obra de Hatoum, como um modo de constituição orgânica do texto. A presença desses indícios, nos dois romances, mostra-se, por conseguinte, como um conjunto de peças de um raro artesanato dentre textos literários contemporâneos, trazendo à tona aquilo que Roland Barthes (1970) chamou, referindo-se à junção de domínios artísticos convencionalmente apartados, de “tapete de signos”. Sendo assim, com o objetivo do esclarecimento da natureza dessa pluralidade textual, proveniente dos relacionamentos com toda sorte de “fontes”, convém, para seu melhor entendimento, promover, na continuidade da investigação, o desenlace dos fios dessa verdadeira tapeçaria em que se constituem as obras de Milton Hatoum.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, G. C. do. “Dois trajetos para o porto”. In: PEREIRA, H. B. C. (org.^a). **Ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.
- ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites, volume I**: ramo sírio. [introdução, notas, apêndice e tradução do árabe: Mamede Mustafa Jarouche] – 3.^a ed. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. **Livro das mil e uma noites, volume II**: ramo sírio. [introdução, notas, apêndice e tradução do árabe: Mamede Mustafa Jarouche] – 2.^a ed. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. **Livro das mil e uma noites, volume III**: ramo egípcio. [introdução, notas, apêndice e tradução do árabe: Mamede Mustafa Jarouche]. São Paulo: Globo, 2007.
- ARRIGUCCI JR., D. “Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum”. In: **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BARTHES, R. **S/Z**: uma análise da novela *Sarrasine* de Honoré de Balzac [1970]. [tradução Léa Novaes]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- GENETTE, G. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.
- HATOUM, M. **Dois irmãos** [2000]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Relato de um certo Oriente** [1989]. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Editora Hucitec, 2008.